

## Psicanálise e teoria da evolução

JOHN BOWLBY \*

*Na medida em que nem sempre as pessoas compreendem que o paradigma a que Freud recorreu na sua metapsicologia é pré-darwinista, é interessante analisar as razões desse facto.*

*Na última metade do século XIX, realizaram-se dois debates independentes, um acerca da realidade histórica da evolução, e o outro acerca do processo ou mecanismo prováveis dessa mesma evolução, partindo da hipótese de que ela tinha ocorrido. Não raro, o adjectivo «darwinista» é aplicado no sentido da crença na realidade histórica da evolução. O que é, evidentemente, um erro. Além de Charles Darwin, muitos outros advogaram a realidade histórica da evolução, se bem que seja verdade que ninguém conseguiu reunir e apresentar as provas da evolução tão bem como Darwin. Ainda assim, o adjectivo «darwinista» não deveria ser empregue para designar de forma geral a ocorrência da evolução, e deveria ser estritamente reservado para a teoria que assenta num processo biológico particular, a que Darwin chamou «selecção natural», e que é mais eficientemente descrito em termos de sucesso ou insucesso reprodutivo de variações naturais que transmitem diferencialmente as suas características às gerações subsequentes.*

*Freud era sem dúvida um evolucionista. Mas nada indica que fosse um darwinista. No entanto, sem dúvida porque a aceitação da evolução enquanto fenómeno é frequentemente taxada de darwinista, é*

*fácil ignorar o facto de que Freud estava profundamente arraigado a uma perspectiva pré-darwinista. Na sua Autobiografia (1925), Freud descreve a maneira como, na sua época de estudante em 1870, fora «fortemente atraído pelas teorias de Darwin, que constituíam então um forte pólo de interesse» (S.E., 20 p. 8). E Jones (1953) diz-nos que no seu primeiro ano na Universidade de Viena, em 1872-73, Freud seguiu um seminário sobre Biologia e Darwinismo. Estas referências, combinadas com o entusiasmo de Freud pela evolução, em geral, e as suas referências ocasionais mas sempre favoráveis a esta ou àquela ideia de Darwin, como por exemplo a horda primitiva, e as expressões das emoções, são enganadoras, e conduzem muito facilmente à ideia de que Freud adoptou a teoria evolutiva de Darwin, mesmo que nem sempre a tenha aplicado. Esta perspectiva é no entanto incompatível com os dados históricos, tal como se pode ver através da leitura da biografia feita por Ernest Jones (cf. especialmente o volume 3, 1957, capítulo 10).*

*Neste momento, em que a potência explicativa do princípio da selecção natural proposto por Darwin se tornou solidamente estabelecido e é universalmente aceite pelos biólogos, é fácil esquecer que não era nem pouco mais ou menos este o caso na época em que a psicanálise se formava. Eiseley (1958) descreveu o clima científico do último quarto do século XIX, numa época em que a aceitação da realidade histórica da evolução se tornava bem estabelecida, ao passo que a discussão acerca do processo pelo qual essa evolução tinha tido lugar constituía ainda um ponto escaldante. Eiseley descreve particularmente a forma como a crítica autoritária, se bem que errada, de Lord Kelvin à teoria de Darwin deu grande reforço aos críticos de Darwin e encorajou fortemente as*

\* O Dr. John Bowlby é Psicanalista, membro da Tavistock Clinic e do Tavistock Institute of Human Relations, Londres. Foi Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Este artigo foi extraído de *Attachment and Loss*, volume II, e desde já agradecemos ao Autor e à Livraria Bertrand, que detém os direitos para a língua portuguesa, a amável colaboração.

ideias lamarckistas<sup>1</sup>. E a tal ponto, de facto, que nas ultiores edições da *Origem das Espécies* Darwin modificou a sua posição incorporando a teoria de Lamarck na sua própria teoria.

Os pormenores dessa viva controvérsia, tal como Freud a conheceu na Viena dos anos 70 e 80, principalmente através do professor de Zoologia, Claus, são descritos por Ritvo (1972). Em 1909, no centenário do nascimento de Darwin, o estatuto científico da sua teoria da selecção natural era ainda tão duvidoso que as celebrações que assinalaram o conhecimento pouco mais foram do que accidentais. E durante o primeiro quarto do século XX as teorias da evolução continuaram a navegar num estado de «caos e confusão» (De Beer, 1963). Só em 1942, com a publicação da obra de Julian Huxley *Evolution, the modern synthesis* é que foi possível um contributo decisivo para as teorias produzidas durante o século passado. É significativo que o ponto de viragem tenha ocorrido durante os anos vinte, a partir do momento em que a genética foi aplicada não apenas a espécimens laboratoriais mas também a populações selvagens que viviam e se propagavam no seu ambiente natural<sup>2</sup>.

Na medida em que as datas principais do desenvolvimento histórico das ideias psicanalíticas de Freud são estabelecidas anteriormente às ideias da teoria evolucionista, não pode constituir motivo de

<sup>1</sup> De Beer (1963) assinala que a história tratou injustamente Lamarck. Porque não podemos esquecer que Lamarck foi um dos primeiros cientistas a defender, em 1809, uma teoria sistemática da evolução das espécies vivas, e nisto deu um notável contributo científico; mas na medida em que a sua achega foi eclipsada pela obra decisiva de Darwin, foi esquecido, excepto talvez no seu país natal, a França. Inversamente, as ideias improdutivas de Lamarck acerca dos mecanismos internos da evolução — que ele atribuía não apenas à herança dos caracteres adquiridos mas também ao poder de uma «tendência para a perfeição» e a um «sentimento interior da necessidade» — permanecem ligadas ao seu nome. Isto deve-se ao facto de terem sido identificados como tal durante o debate acerca da natureza dos processos causais da evolução, o qual teve início após a publicação da *Origem das Espécies* (1859), e continuou nas primeiras décadas deste século e ainda revive ocasionalmente nos nossos dias. [E que parece não estar enterado de todo, como o demonstram os trabalhos de Waddington e de Piaget, nos últimos anos. É aliás significativa a forma como um darwinista de primeiro plano como Julian Huxley, na sua *Introdução à segunda edição da magistral obra Evolution, the modern synthesis* (1963), se refere aos trabalhos de Waddington; que segundo Huxley «deu um notável contributo para a teoria da evolução, com a sua descoberta de que a teoria lamarckista da hereditariedade pode ser simulada através de um mecanismo puramente neodarwinista». (N.T.)]

<sup>2</sup> Para uma abordagem das teorias contemporâneas da evolução, ver Maynard-Smith (1966) e Alland (1967).

surpresa a ausência de uma perspectiva darwinista em *Psicanálise*, tal como em muitas outras escolas da Psicologia. Muito pelo contrário, é claro que Freud, nem na sua juventude nem como homem maduro ou mesmo na velhice, não teria ficado isolado da sua geração se tivesse sido prudente e não se tivesse comprometido na sua abordagem das teorias da evolução, incluindo a teoria darwinista da selecção natural.

Mas não se comprometer era coisa que não quadava com o tipo de homem que Freud era. Se bem que nunca tenha rejeitado explicitamente os princípios darwinistas, é evidente que o seu comprometimento da juventude com os conceitos pré-darwinistas, profundo e continuado nas fases subsequentes do pensamento freudiano, não permitiu que sobrasse espaço para a teoria de Darwin, que em ponto algum da obra de Freud é debatida; antes pelo contrário, Freud passa-lhe ao lado como se ela não tivesse nunca existido (Jones, 1957, p. 332).

No capítulo I do primeiro volume de *Attachment and Loss* sublinhei que o modelo de energia psíquica que Freud aplicou à psicanálise tem origem, não na observação clínica dos pacientes, mas em ideias que ele apreendera muitos anos antes, especialmente na época em que trabalhava no laboratório do seu estimado professor de Fisiologia, Brücke. Ora essas ideias são muito anteriores à *Origem das Espécies*, que Darwin publicou em 1859. Na década de 1840, Brücke pertencera a um grupo de dedicados e jovens cientistas liderado por Helmholtz, e que se empenhava em demonstrar que todas as verdadeiras causas em ciência se podiam simbolizar através do conceito de «força». Na medida em que os contributos da escola de Helmholtz depressa ganharam fama, era natural que Freud, tendo sido discípulo de um dos componentes daquele grupo, tivesse adoptado as suas concepções. Tal como é assinalado por Jones (1953, p. 46), o espírito e o conteúdo dos ensinamentos de Brücke na década de 1870 correspondem muito de perto aos conceitos que Freud sempre utilizou para caracterizar a psicanálise no seu ponto de vista dinâmico: «... a psicanálise deriva todos os processos psicológicos (com excepção da recepção de estímulos externos) do jogo de forças, que se assistem ou inibem reciprocamente, ou combinam, entre si, estabelecem compromissos entre si, etc.» (Freud, 1926, S.E., 20, p. 265).

As limitações desse modelo no que respeita à organização dos fenómenos clínicos a que Freud consagrou a sua atenção, foi já discutida no volume citado de *Attachment and Loss*. O ponto para que chamo agora a atenção é que o referido modelo não só é pré-darwinista na sua origem, como também está muito longe dos conceitos biológicos introduzidos por Darwin. Para Freud e seus colegas, arraigados profundamente às concepções de Helmholtz, teria sido

muito difícil assimilar a perspectiva darwinista. Mas à medida que Freud envelheceu, o seu cada vez mais forte apelo às teorias vitalistas do tipo das que Lamarck advogara, tornou essa assimilação impossível. No seu terceiro volume, Jones (1957) dedica meio capítulo à aderência de Freud, ao longo de toda a sua vida, às explicações lamarckistas do processo evolutivo, a começar pelo postulado da hereditariedade dos caracteres adquiridos e culminando na crença dos poderes de um postulado «sentimento interno da necessidade».

Durante os seus primeiros anos como profissional, Freud seguiu os seus colegas da escola de Helmholtz através da defesa daquilo que hoje se poderia considerar um determinismo bastante ingénuo. Mas pouco antes de 1915 o seu pensamento parece ter sofrido uma mudança radical, e em 1917 expressava o seu maior interesse pelas ideias de Lamarck acerca dos efeitos que o «sentimento interno da necessidade» pode exercer sobre a estrutura de um animal. Nesse ano, Freud estava no auge do seu entusiasmo pelas ideias de Lamarck e correspondia-se com Ferenczi e com Abraham no sentido de cumprir um ambicioso projecto de integração da psicanálise na teoria da evolução de Lamarck. «A nossa intenção é basear completamente as ideias de Lamarck nas nossas próprias teorias, e demonstrar que o conceito de 'necessidade', que gera e modifica órgãos, não é mais do que o poder que as ideias inconscientes exercem sobre o corpo (...), em resumo, a onnipotência dos pensamentos. A adaptação poderia então ser explicada psicanaliticamente.» Isto conduz, como o assinala Jones, à crença de que a «necessidade» permite a um animal produzir modificações não só no seu meio ambiente mas também no seu próprio corpo. A função é assim terrivelmente confundida com a causalidade. Desta forma, a posição que Freud adoptou no campo da teoria biológica ficou em total discrepância com a teoria que veio a dominar a biologia no século XX.

Torna-se assim evidente que o apego cada vez maior de Freud à perspectiva lamarckista, que o levou a excluir o conceito darwinista de taxas diferenciais de sobrevivência e a não distinguir entre causalidade e função, contaminou totalmente a própria estrutura da teoria psicanalítica<sup>3</sup>. Como a biologia se firmou solidamente numa base darwinista e num desenvolvimento dos princípios de Darwin, e a psicanálise continuou lamarckista, o abismo entre ambas foi-se alargando cada vez mais, inevitavelmente.

E só há três saídas possíveis para esta situação. Uma, que não parece provável, é que a biologia renuncie à perspectiva darwinista. A segunda, que aqui defendo, é reconstruir a psicanálise com base na moderna teoria da evolução. E a terceira é manter indefinidamente o actual divórcio, conservando a psicanálise permanentemente à margem do mundo da ciência.

(Tradução de L. Soczka)

## REFERÊNCIAS

- ALLAND, A. (1967) — *Evolution and Human Behaviour*, Doubleday, N. Y.
- DARWIN, C. (1859) — *On the Origin of Species by means of Natural Selection*, Londres. Edição portuguesa: *A Origem das Espécies*, Lello & Irmão, Porto, s/ data.
- DE BEER, G. (1963) — *Charles Darwin: Evolution by Natural Selection*, Nelson, Edimburgo.
- EISELEY, L. (1958) — *Darwin's Century*, Doubleday, N. Iorque.
- FREUD, S. (1925) — *Autobiografia*; nas edições inglesas: *Standard Edition*, vol. 20, pp. 7-70.
- FREUD, S. (1926) — *Sobre a Psicanálise*, in *Standard Edition*, vol. 20, pp. 263-270.
- JONES, E. (1953) — *Sigmund Freud, Life and Work*, vol. I, Horgarth Press, Londres.
- JONES, E. (1957) — *Sigmund Freud, Life and Work*, vol. III, Horgarth Press, Londres.
- RITVO, L. B. (1972) — «Carl Claus as Freud's professor of the New Darwinian Biology», *Int. J. Psycho-Analysis*, vol. 53, pp. 277-283.
- SMITH, J. MAYNARD (1966) — *The Theory of Evolution*, Penguin Books, Harmondsworth. Edição portuguesa: *A Teoria da Evolução*, Coleção Pelicano, Ulisseia, Lisboa.

<sup>3</sup> O influente livro de Hartmann, *Ego Psychology and the Problem of Adaptation* (1939) foi ele próprio concebido e escrito antes de o conhecimento da moderna teoria da evolução se encontrar difundido.